

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS

ANTIGUIDADES DIGITAIS

Egiptomania e Consciência Histórica na Cultura Contemporânea

Campanha, MG.

2025



Hebert de Oliveira Santos de Lima
Fernando Antônio Nani Carvalho Júnior
Melissa Cristine Lopes Ribeiro
Pedro Miguel Carvalho Silva

Ygor Klain Belchior

ANTIGUIDADES DIGITAIS

Egiptomania e Consciência Histórica na Cultura Contemporânea

Relatório apresentado à 9ª FEMIC - Feira
Mineira de Iniciação Científica.

Orientação do Prof. Dr. Ygor Klain Belchior.

Campanha, MG.

2025



RESUMO

Este projeto investiga as Antiguidades Digitais, com foco na Egiptomania, analisando como o Egito Antigo é mobilizado em debates contemporâneos e como isso impacta a formação da consciência histórica de jovens e adultos, integrando as dimensões de ensino, pesquisa e extensão. A pesquisa parte da seguinte pergunta: quais são os repertórios do Egito no Twitter (atual X Corp.)? Nossa hipótese é que os repertórios sobre o Egito Antigo são muitos e refletem diferentes consciências históricas. A metodologia inclui a coleta de dados por meio de mineração no *Twitter*, a análise de nuvens de palavras com estudantes e a investigação da "Anúbismania" e da "Cleopatramania", compreendendo como essas figuras são ressignificadas na cultura digital. Além do universo digital, a pesquisa se estende à análise de elementos arquitetônicos egípcios na cidade de Campanha-MG à luz da Egiptomania e da Educação Patrimonial. Essa vertente visa compreender como a memória do Egito Antigo se manifesta no espaço urbano e contribui para a construção da identidade local. A partir dessa análise, o projeto produzirá um conto de fadas infantojuvenil como ferramenta pedagógica para o ensino de história nas escolas públicas da cidade, promovendo a valorização do patrimônio local. Para democratizar o acesso ao conhecimento, o projeto de extensão "Cine LEPHAMA" explora a Egiptomania na sétima arte, usando exhibições de filmes como ferramenta pedagógica para o público infantojuvenil. A pesquisa obteve como resultado primário a criação de um banco de dados abrangente, com a inédita Taxonomia de Repertórios, que preserva as postagens sobre o Egito no Twitter entre 2008 e 2023. O projeto contribuiu significativamente para um debate mais crítico sobre o passado, fornecendo estratégias pedagógicas eficazes e demonstrando o modelo de ciência organizada do Laboratório, que une Ensino, Pesquisa e Extensão em prol da cidadania e do letramento histórico.

Palavras-chave: Egiptomania, Humanidades Digitais, Consciência Histórica, Extensão Universitária, LEPHAMA.



SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 JUSTIFICATIVA	9
3 OBJETIVO GERAL	11
4 METODOLOGIA	12
5 RESULTADOS OBTIDOS	15
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	47



1 INTRODUÇÃO

O estudo **Antiguidades Digitais: Egiptomania e Consciência Histórica na Cultura Contemporânea** não é um trabalho isolado, mas sim a consolidação e o aprofundamento da trajetória científica desenvolvida pelo **Laboratório de Estudos e Pesquisas em História Antiga, Medieval e da Arte** da UEMG – Campanha. Criado em 15 de maio de 2020 e [certificado pelo CNPQ](#), o LEPHAMA se estabeleceu como um polo pioneiro na UEMG, atuando ativamente em Pesquisa, Ensino e Extensão, com intensa presença digital, produção acadêmica relevante e parcerias interinstitucionais.

A atuação do LEPHAMA se manifesta na prática da **indissociabilidade do tripé universitário**. Na **Pesquisa**, um dos focos é a **Egiptomania Digital**, onde aplicamos as **Humanidades Digitais** para a mineração e catalogação de *big data* do Twitter, o que resultou na criação da inédita **Taxonomia de 33 Repertórios Discursivos**. O rigor desse trabalho é alimentado pelo nosso programa de formação para alunos de graduação em metodologias avançadas, como a etnografia digital, capacitando-os em **Letramento Histórico e Midiático** para atuar de forma crítica na sociedade do século XXI. Por sua vez, a **Extensão** garante o impacto social dos achados: promovemos a divulgação científica com o uso estratégico do **humor** e a publicação de **memes** (Ciclo de Estudos LEPHAMA) e produzimos o **Conto de Fadas Infantojuvenil**, que utiliza os monumentos egípcios em Campanha-MG (o obelisco, por exemplo) como ferramenta de **Educação Patrimonial**. O grande diferencial é a inclusão, materializada na parceria de cocriação artística, com a colaboração do aluno José Maria e de oficinas de desenho, que utilizam a arte como um potente vetor pedagógico.

A evolução de nosso trabalho é ligada às exigências de rigor e divulgação científica da **FEMIC**, que atuaram como catalisadores para a obtenção de financiamentos cruciais da **FAPEMIG** (Processos APQ-02016-25 e FCT-00013-25) e de uma bolsa **Professor Orientador PAPq-UEMG**. A pesquisa atual sintetiza e refina os estudos anteriores, reconhecidos e premiados na Feira:



- **2023 (Segundo Lugar Geral na FEMIC Mais):** O projeto "["Comunistas ou guerreiros pela liberdade: as Espartas Integralista e Bolsonaroista"](#)" estabeleceu no Laboratório o conceito de *allellopoiesis* e a metodologia de "arqueologia do salvamento" no Twitter (atual X Corp.), sendo o marco inicial da investigação sobre os usos do passado na extrema-direita.
- **2024 (Terceiro Lugar Geral na FEMIC Mais):** O trabalho "["A Egiptomania no Twitter: Analisando o banco de dados do LEPHAMA \(2008 a 2013\)"](#)" comprovou a viabilidade da mineração de dados sobre o Egito Antigo e identificou a emergência de repertórios-chave, como a *Anúbismania*.
- **2024 (Segundo Lugar Geral na FEMIC Mais):** O relatório "["Por que postamos sobre História Antiga"](#)" classificou dez repertórios discursivos distintos e utilizou o conceito de **Consciência Histórica** de Jörn Rüsen, demonstrando a dicotomia na recepção entre as Antiguidades Oriental e Ocidental.

Assim, este novo relatório é o passo final desta trajetória, onde a mineração de dados sobre a Egiptomania no Twitter é intensificada e refinada. Investigamos um dos fenômenos mais fascinantes da História Pública: a permanência e a ressignificação do passado egípcio na sociedade contemporânea. Este campo de estudo, academicamente denominado Egiptomania, refere-se à reinterpretação, uso e apropriação dos traços da cultura do Egito Antigo de forma que lhes são atribuídos novos significados, frequentemente veiculados na cultura popular e nas mídias (Bakos, 2004).

A temática central do projeto reside na análise de como a Egiptomania impacta a formação da Consciência Histórica de jovens e adultos. Ancorado nos estudos de Rüsen (2001), compreendemos a Consciência Histórica não apenas como a acumulação de fatos, mas como a capacidade de orientar a vida prática por meio da interpretação do passado. Assim, o uso do Egito Antigo no Twitter (atual X Corp.) não é apenas entretenimento, mas sim uma manifestação ativa de diferentes formas de o indivíduo se posicionar e se orientar no tempo. Cabe destacar que, segundo Rüsen, existem quatro tipos de consciência histórica que podem se manifestar nas narrativas digitais:



- **Tradicional:** Preserva costumes e busca manter a continuidade e a identidade.
- **Exemplar:** Busca no passado modelos e exemplos a serem seguidos no presente.
- **Crítica:** Questiona e analisa o passado, buscando romper com tradições.
- **Genética:** Compreende o passado como um processo de desenvolvimento e mudança.

É nesse cenário de vozes múltiplas e contínua recriação que o conceito de repertórios se torna fundamental. Entendemos repertórios como os conjuntos dinâmicos e contextuais de significados, representações, narrativas e usos de elementos do passado que emergem e circulam no ambiente digital do Twitter. Eles não são fixos ou unívocos, mas o resultado de um processo contínuo de *allelopoiesis*, seja esta, a criação mútua e recíproca entre o passado evocado e as necessidades expressivas do presente que se manifestam, ora, em figuras históricas, mitológicas, artefatos ou conceitos (Faversani, 2020). Desta forma, se constituem tanto na apropriação contemporânea quanto na ressignificação ativa de traços do passado, moldados pelas lentes e pelos interesses do presente digital, gerando novos entendimentos e aplicações desses elementos que podem se distanciar ou se conectar com suas matrizes históricas e culturais originais (Figura 1).

Figura 1 – Repertório de Tutancâmon

Moisés foi falar com Faraó, quando sentiu algo lhe apertando as nádegas, e então indagou: Tutankhamon na minha bunda véio?

Fonte: Twitter.

O meme opera pela apropriação de signos da História Bíblica e da realeza egípcia, ressignificando-os para um contexto de Humor e Sexualidade. Dessa forma, um faraó é transformado em piada, confirmando que as apropriações digitais do Egito são moldadas para servir aos propósitos sociais do presente, gerando novas sínteses que se distanciam intencionalmente das matrizes culturais originais.

No Twitter, essa presença se manifesta de forma complexa, revelando o que José D'Assunção Barros (2013, p. 60) denomina a "polifonia da História". Entendemos "repertórios discursivos" como os conjuntos dinâmicos de "polifonias" sobre o Egito que emergem e circulam no ambiente digital, sendo o resultado de um processo contínuo de *allelopoiesis*. Dessa forma, a classificação dos repertórios demonstra como a apropriação contemporânea e a ressignificação ativa de traços do passado moldam novos entendimentos e aplicações desses elementos.

A pesquisa é guiada pela pergunta: Quais são os repertórios do Egito antigo no Twitter? Essa questão direciona o estudo para a exploração de como os elementos dessa cultura são ressignificados para expressar ideias e valores contemporâneos. Além disso, a volatilidade das redes sociais e o risco de perda de dados digitais, como a suspensão de perfis ou da própria plataforma, reforçam a urgência de uma "arqueologia de salvamento" para preservar esse conteúdo para a posteridade e para a pesquisa acadêmica.

A hipótese do projeto é que os repertórios sobre o Egito Antigo no Twitter refletem diferentes consciências históricas e se relacionam com a dinâmica da plataforma. Demonstramos que, ao invés de serem representações históricas fiéis, essas apropriações são moldadas por *allelopoiesis*, criando "repertórios" de "Cleópatras" ou "faraós" que não pertencem exclusivamente a uma temporalidade, mas que mesclam e confundem o passado e o presente em novas sínteses que se comunicam de forma polifônica, sendo reapropriadas e modificadas, de acordo com cada "consciência".

O uso de Tutancâmon (Figura 1) se enquadra na Consciência Histórica Tradicional, pois preserva os nomes antigos, mas os mobiliza de forma acrítica, sem buscar modelos de conduta (Exemplar) ou questionamento ativo (Crítica). Assim, a fonte também serve como um diagnóstico pedagógico, auxiliando na necessidade de utilizar esses "saberes prévios" dos alunos como ponto de partida para o desenvolvimento de uma Consciência Histórica Crítica em sala de aula.

O restante deste documento detalha o processo científico: a **Justificativa** apresentará a relevância institucional e social do projeto; a seção de **Objetivos** formalizará as intenções de pesquisa e extensão; a **Metodologia** descreverá o rigor técnico da mineração de dados e o modelo de **Pesquisa-Ação** empregado; em seguida, os **Resultados** demonstrarão os achados da pesquisa (a Taxonomia de Repertórios e o impacto na comunidade local). Por fim, as **Considerações finais** reafirmarão o êxito do projeto na formação de estudantes e na consolidação das Humanidades Digitais no Brasil.

2 JUSTIFICATIVA

As justificativas para a relevância deste projeto residem na sua capacidade de preencher lacunas críticas no campo das Humanidades Digitais aplicadas à História Antiga, em particular à Egiptomania, ao mesmo tempo em que oferece um diagnóstico pedagógico essencial para o Ensino de História na sociedade contemporânea. O trabalho se justifica primariamente por três eixos:

2.1. Inovação metodológica e contribuição científica

O projeto estabelece o Laboratório de Estudos e Pesquisas em História Antiga, Medieval e da Arte (LEPHAMA) da UEMG como um grupo pioneiro no estudo da Egiptomania Digital no Brasil. A pesquisa justifica-se pela aplicação rigorosa das Humanidades Digitais na coleta, tratamento e análise de *big data* do Twitter (atual X Corp.). Esta abordagem não se limita à análise anedótica, mas responde a uma necessidade crítica de "arqueologia de salvamento", visando preservar e analisar um patrimônio digital volátil que corre risco de ser perdido devido à efemeridade das redes e à instabilidade das plataformas. O principal produto científico, a Taxonomia de 33 Repertórios Discursivos de Egiptomania, fornece um arcabouço teórico-analítico robusto e inédito, permitindo a decifrar a lógica subjacente que rege a reinvenção do passado na internet e fornecendo uma base para futuras pesquisas no campo da Recepção da Antiguidade.

2.2. Relevância pedagógica e a formação da Consciência Histórica

Em um cenário de crescente circulação de versões simplificadas e, por vezes, distorcidas da História nas redes sociais, o projeto possui grande para o Ensino. A pesquisa transcende a catalogação ao focar na interpretação, utilizando o arcabouço da Consciência Histórica de Jörn Rüsen. A análise dos repertórios de Egiptomania (como o uso em humor ou o pastiche) funciona como um diagnóstico de letramento histórico. Ao revelar que o consumo do passado digital se manifesta majoritariamente em formas de Consciência Histórica Tradicional ou Exemplar, a pesquisa oferece subsídios essenciais para que educadores possam promover o debate em sala de aula, usando os saberes prévios dos alunos como ponto de partida para a transição à crítica e, assim, desenvolver o Letramento Histórico e Midiático exigido pelas diretrizes curriculares atuais.

2.3. Impacto institucional e compromisso social

O projeto é um modelo do princípio de indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão na UEMG. O apoio financeiro da FAPEMIG, do PAPq e PAEx atesta o reconhecimento do LEPHAMA e consolida a pesquisa em Humanidades Digitais na Universidade. Ademais, há o impacto social direto, traduzindo os achados científicos em ações de Extensão e Educação Patrimonial. Este compromisso garante a formação contínua de recursos humanos qualificados e reforça o papel da UEMG no desenvolvimento científico e social de sua comunidade de abrangência.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Investigar o fenômeno da Egiptomania no Twitter (atual X Corp.) por meio de metodologias das Humanidades Digitais, a fim de identificar e classificar os repertórios discursivos de apropriação do Egito Antigo e analisar suas implicações para a formação da Consciência Histórica na cultura digital contemporânea.

3.2 Objetivos específicos

- Realizar a mineração e análise de dados sobre o Egito Antigo no Twitter (2008-2023) e, com base no conceito de *allelopoiesis*, construir a Taxonomia de Repertórios Discursivos sobre a Egiptomania.
- Analisar em profundidade a ressignificação das figuras de Cleópatra (*Cleopatramania*) e Anúbis (*Anúbismania*), investigando sua conexão com debates contemporâneos de gênero, racialidade e existencialismo.
- Construir um banco de dados aberto e acessível, aplicando a metodologia de Arqueologia de Salvamento para a preservação das postagens digitais e o avanço das Humanidades Digitais no Brasil.
- Analisar os elementos arquitetônicos egípcios presentes em Campanha-MG (obelisco, esfinges) à luz da Egiptomania e da Educação Patrimonial.
- Produzir um Conto de Fadas Infantojuvenil como ferramenta didática de Educação Patrimonial, utilizando a metodologia de Pesquisa-Ação e a cocriação artística inclusiva.
- Desenvolver e executar projetos de extensão (Cine LEPHAMA e Ciclo de Estudos), utilizando mídias populares (cinema e análise de memes) como estratégias pedagógicas para desconstruir estereótipos e fomentar a Consciência Histórica Crítica nos estudantes.

4 METODOLOGIA

O rigor deste projeto reside na sua integração metodológica, unindo o processo científico do LEPHAMA à vanguarda das Humanidades Digitais. A metodologia foi estruturada em três grandes fases que demonstram o fluxo contínuo do tripé universitário, com o propósito de articular a Pesquisa, o Ensino e a Extensão – que operam em um ciclo contínuo de Pesquisa-Ação. O fluxo de trabalho parte da análise de *big data* e culmina na transposição pedagógica dos achados.

4.1. Fundamentação teórica e referenciais de análise

O projeto é guiado por uma estrutura conceitual que permite a interpretação profunda da apropriação do Egito Antigo no contexto digital:

- **Antropologia Digital:** Utilizamos a teoria da “sociabilidade escalonável” (Miller, 2019, p. 11), que define as mídias sociais como um espaço de trânsito entre a comunicação pública e a privada, essencial para mapear os diferentes níveis de interação dos usuários. Adicionalmente, o conceito de “polimídia” orienta a análise do *tweet* como parte de um ecossistema interconectado. O método central é a imersão etnográfica para compreender as mídias sociais sob a perspectiva dos usuários, e não da tecnologia.
- **História e Recepção:** A interpretação dos dados é ancorada na Egiptomania (Bakos, 2004), no processo de criação recíproca denominado *allelopoiesis* (Faversani, 2020), e na Consciência Histórica (Rüsen, 2001), essencial para diagnosticar a forma como o indivíduo se orienta no tempo histórico a partir dos memes e *posts*.

4.2. Etapas de coleta, classificação e análise de dados

A etapa de pesquisa central seguiu um fluxo técnico detalhado, com foco nas Humanidades Digitais:

- **Mineração de *Big Data* e Arqueologia de Salvamento:** Foi realizada a mineração de dados no Twitter (atual X Corp.) abrangendo o período de 2008 a 2023, com o uso de termos-chave ("Egito Antigo", "faraó", "Cleópatra", "Anúbis"). Esta etapa aplicou a metodologia de “Arqueologia de Salvamento”, que objetiva resgatar e preservar um patrimônio digital volátil antes de sua perda.
- **Construção e validação da taxonomia:** Os dados brutos foram classificados em uma Taxonomia de 33 Repertórios Discursivos. Esta etapa exigiu a superação de desafios metodológicos cruciais, como o alto índice de "ruído" nos dados (postagens ambíguas não relacionadas à História). A solução encontrada foi a aplicação de filtros semânticos rigorosos, uma decisão metodológica que garantiu a precisão na categorização dos repertórios.
- **Análise de profundidade (Existencialismo Vulgar):** O projeto prosseguiu para a análise de profundidade em repertórios específicos. A *Anúbismania*, por exemplo, foi analisada à luz do conceito de “Existencialismo Vulgar” (Rodstein, 2024), permitindo conectar o deus da morte a temas contemporâneos de isolamento e saúde mental, demonstrando como as apropriações digitais do Egito servem às necessidades expressivas do presente.

4.3 Articulação metodológica do tripé universitário (Pesquisa-Ação)

O conhecimento gerado na pesquisa é transposto para o Ensino e a Extensão por meio de projetos específicos:

- **Pesquisa Local e Educação Patrimonial:** Paralelamente, foi realizada a pesquisa sobre a [Egiptomania na arquitetura de Campanha-MG](#) (obelisco, esfinges). O resultado embasou diretamente o produto de Extensão.
- **Transposição Didática e Extensão:** Os repertórios classificados na Taxonomia (Pesquisa) são o *input* primário do Ciclo de Estudos LEPHAMA e do Cine LEPHAMA. Nesses projetos de Extensão, as lives no Youtube e os debates de filmes utilizam os memes e *posts* como ferramentas pedagógicas para a formação continuada de professores e para fomentar a Consciência Histórica Crítica nos estudantes da rede básica.
- **Inclusão e Ensino:** O resultado da pesquisa local está sendo transformado no [Conto de Fadas Infantojuvenil](#) (Extensão/Ensino), utilizando a metodologia de Pesquisa-Ação Inclusiva na parceria de cocriação artística, fechando o ciclo do projeto com a aplicação prática em um contexto de inclusão social.

4.4. Rigor ético e Proteção de Dados (LGPD)

Em conformidade com a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), Lei n.º 13.853/2019, adotamos a pseudonimização de todos os dados pessoais coletados. A coleta foi limitada estritamente a *tweets* de acesso público, e a análise concentrou-se no fenômeno da Egiptomania (finalidade educacional).



5 RESULTADOS OBTIDOS

Nesta seção, os resultados serão apresentados de forma articulada, porém segmentada, por meio da descrição dos resultados de cada ação ou projeto específico. A organização segue a metodologia do fluxo de trabalho estabelecido no tripé Ensino-Pesquisa-Extensão, detalhando o produto de cada etapa.

5.1. Pesquisa digital: a taxonomia de repertórios

O primeiro resultado de pesquisa, decorrente das etapas de mineração de dados e classificação, foi a consolidação do banco de dados e a construção da Taxonomia de 33 Repertórios Discursivos sobre a Egiptomania. Foi concluída a coleta de 7.188 evidências no período inicial, sendo que, até o momento, **2.300 evidências** foram classificadas, o que permitiu a validação e o detalhamento do conceito de *allelopoiesis* (criação mútua entre passado e presente) no ambiente digital.

As categorias de busca utilizadas na mineração de dados no Twitter, que serviram de base para a Taxonomia, foram as seguintes: 1. Egito Antigo; 2. Faraó; 3. Cleópatra; 4. Pirâmide; 5. Esfinge; 6. Hieróglifo; 7. Obelisco; 8. Deus do Egito; 9. Religião Egípcia; 10. Egiptomania; 11. Nilo, 12. Hatshepsut, 13. Tutancâmon, 14. Nefertiti, 15. Hórus, 16. Anúbis, 17. Ramsés, 18. Ísis, 19. Sarcófago, 20. Osíris.

A Taxonomia de Repertórios mapeia a forma “polifônica” como o Egito Antigo é ressignificado no Twitter. Os 33 repertórios são:

1. **Alienígenas e teorias da conspiração:** Associa o Egito Antigo a seres extraterrestres e mistérios (Figura 2).

Figura 2 – Repertório de pirâmide

Estranho, em todo lugar encontram pirâmides; civilizações antigas que não se conheciam, tem pirâmide até em Marte.

Fonte: Twitter.

2. **Anúbismania:** Admiração e idolatria por Anúbis, o deus dos mortos (Figura 3).

Figura 3 – Repertório de Anúbis

acho que Anúbis foi o Deus mais legal que teve no Egito antigo.

Fonte: Twitter.

3. **Autoajuda:** Uso de referências egípcias para inspirar superação e metas pessoais (Figura 4).

Figura 4 – Repertório de Ramsés

"Ser deus é bom, ser rei também, mas ser ambos não tem preço". by Ramsés II via [@guiadoestudante](#)

Fonte: Twitter.

4. **Cerveja:** Associação da bebida com o Egito Antigo, como local de invenção e celebração (Figura 5).

Figura 5 – Repertório de Isis e Osíris

Ufa! Agradeço a Isis e Osiris pela cerveja GELADAAAAAAAAAAAAAA só ela pra abrandar esse calor senegalesco.....

Fonte: Twitter.

5. **Crítica ou elogio ao governo ou ao país:** Uso do Egito como parâmetro para criticar ou exaltar governos e políticas contemporâneas (Figura 6).

Figura 6 – Repertório de faraó, pirâmide e múmia

Brasil não é Egito(diferenças são enormes)mas Aqui Políticos voam como Faraós sobre a Pirâmide de Escândalos e vêm a Justiça como uma Múmia!

Fonte: Twitter.

6. **Cleopatramania:** Obsessão por Cleópatra como ícone de beleza, poder e feminismo (Figura 7).

Figura 7 – Repertório de Cleópatra



Fonte: Twitter.

7. **Cristianismo:** Debates religiosos que usam o Egito para defender ou criticar o Cristianismo (Figura 8).

Figura 8 – Repertório de Hórus



Fonte: Twitter.

8. **Crítica ou elogio a governantes ou personalidades:** Comparação de figuras políticas contemporâneas com múmias e faraós (Figura 9).

Figura 9 – Repertório de faraó

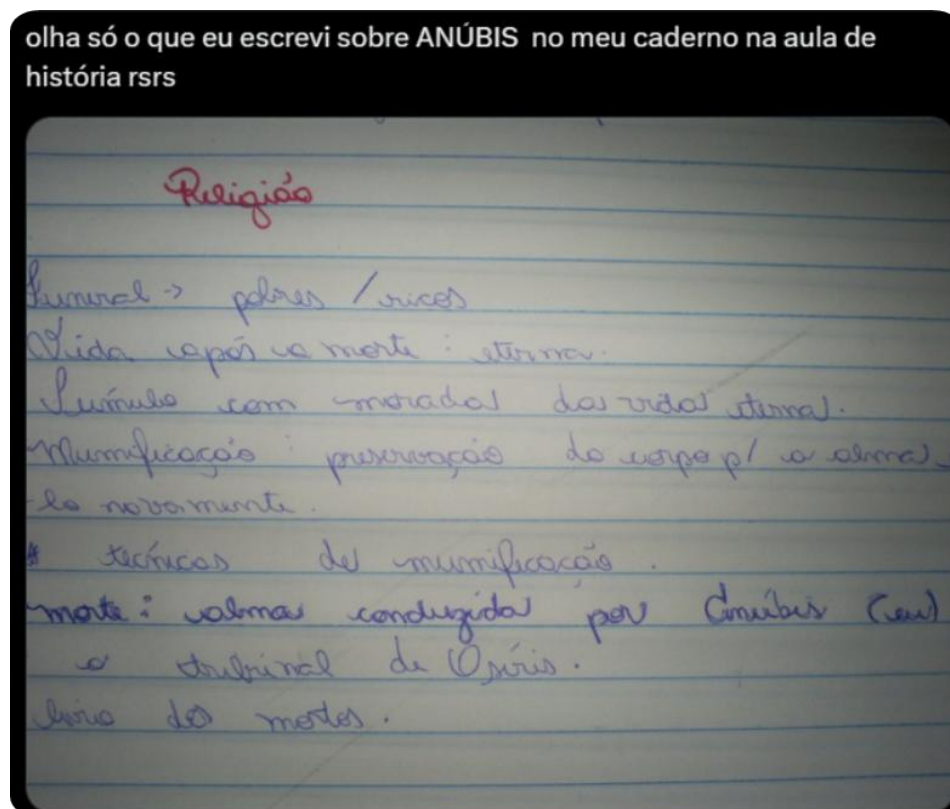


Fonte: Twitter.



9. **Crítica ou elogio ao ensino de História ou outras matérias:** Opiniões sobre a abordagem e a relevância do Egito no currículo escolar (Figura 10).

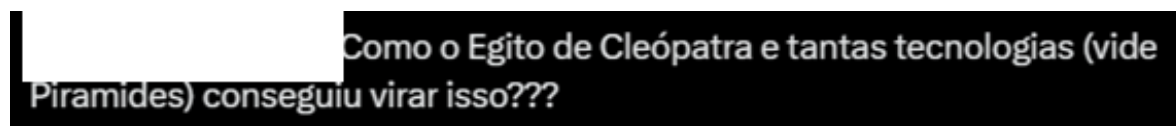
Figura 10 – Repertório de Anúbis



Fonte: Twitter.

10. **Críticas ou comentários ao Egito moderno:** Discussões sobre a situação política e social atual do Egito (Figura 11).

Figura 11 – Repertório de Cleópatra e pirâmide



Fonte: Twitter.



11. **Curiosidades históricas:** Compartilhamento de fatos e informações pouco conhecidas sobre o Egito Antigo (Figura 12).

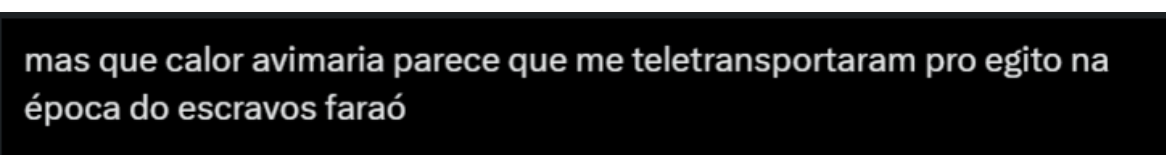
Figura 12 – Repertório de faraó e Tutancâmon



Fonte: Twitter.

12. **Deserto, calor e fertilidade:** Comparações climáticas e geográficas com a região do Egito (Figura 13).

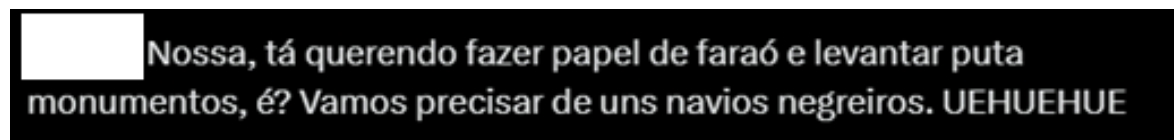
Figura 13 – Repertório de faraó



Fonte: Twitter.

13. **Despotismo oriental e modo de produção asiático:** Uso do Egito como exemplo de poder absoluto e servidão coletiva (Figura 14).

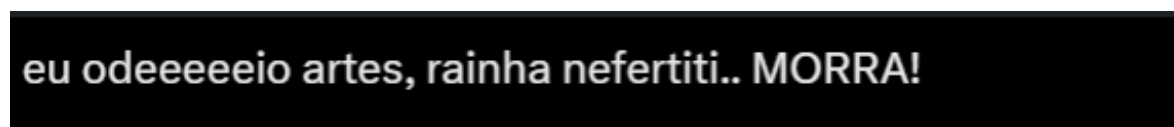
Figura 14 – Repertório de faraó



Fonte: Twitter.

14. **Desprezo:** Expressões de desinteresse, desdém ou repulsa pela cultura egípcia (Figura 15).

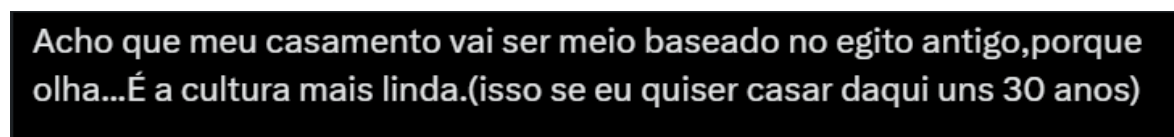
Figura 15 – Repertório de Nefertiti



Fonte: Twitter.

15. **Egiptomania e admiração:** Admiração geral pela cultura egípcia que inspira arte, moda e entretenimento (Figura 16).

Figura 16 – Repertório de Egito Antigo



Fonte: Twitter.

16. **Escravidão:** Discussões sobre a escravidão no Egito Antigo e comparações com o trabalho moderno (Figura 17).

Figura 17 – Repertório de faraó

Saudades do Egito?
Do que adianta você ter casa, comida e rebanhos se é escravo do faraó?

Fonte: Twitter

17. **Escrita difícil, escrita com desenhos:** Comentários sobre a complexidade dos hieróglifos (Figura 18).

Figura 18 – Repertório de faraó e Hatshepsut

O que fode na mitologia egípcia são esses nomes complicados. Por exemplo, a mulher faraó, Hatshepsut :s

Fonte: Twitter

18. **Etarismo:** Comparação de pessoas mais velhas com múmias para reforçar estereótipos sobre a idade (Figura 19).

Figura 19 – Repertório de Anúbis

"No proximo bloco os candidatos farão perguntas com tema livre" --
"CANDIDATO PLINIO VOCE FOI EMBALSAMADO PELO DEUS ANUBIS?"

Fonte: Twitter

19. **Exotismo, luxo e beleza:** Associação do Egito a um imaginário sensual, de riqueza e mistério (Figura 20).



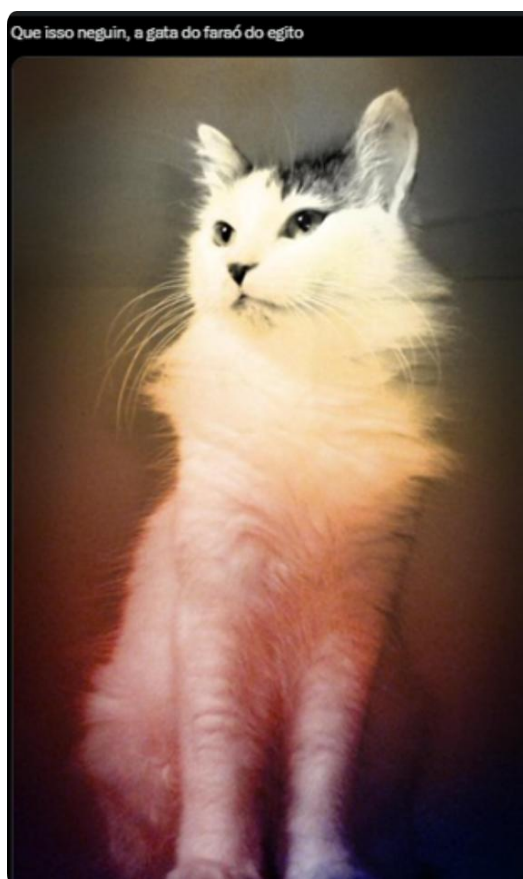
Figura 20 – Repertório de Nefertiti

Big Love já está me chamando de Nefertiti, por conta das novas sobancelhas.

Fonte: Twitter

20. **Gatos e bichos no geral:** Referências à adoração de animais (gatos, chacais) no Egito Antigo.

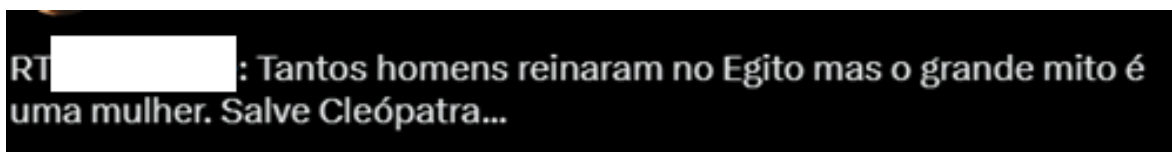
Figura 21 – Repertório de faraó



Fonte: Twitter

21. **Gênero:** Debate sobre feminismo, igualdade e relações homossexuais inspirados em rainhas e faraós (Figura 22).

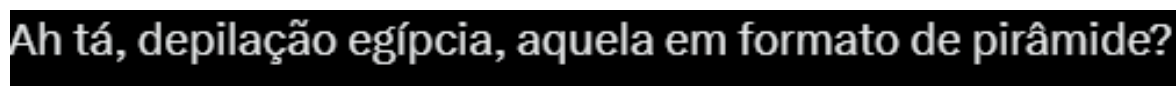
Figura 22 – Repertório de Cleópatra



Fonte: Twitter

22. **Humor e Crítica:** Uso de memes, piadas e trocadilhos com o Egito (Figura 23).

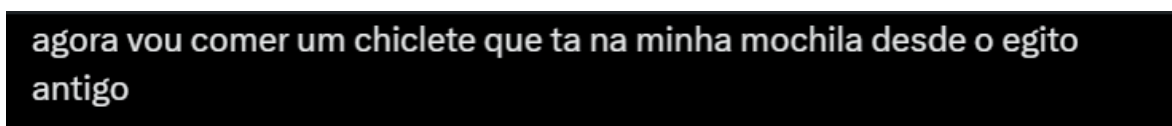
Figura 23 – Repertório de Pirâmide



Fonte: Twitter

23. **Longevidade e antiguidade:** Associação do Egito à ideia de duração, eternidade e persistência no tempo.

Figura 24 – Repertório de Egito Antigo



Fonte: Twitter

24. **Morte, eternidade, isolamento e podridão:** Referências à morte, mumificação e isolamento (Figura 25).

Figura 25 – Repertório de pirâmide

Eu já dormi tanto hoje, que só fala me enrolar com fitinha branca e me colocar numa pirâmide do Egito.

Fonte: Twitter

25. **Mumiamania:** Uso do termo "múmia" para se referir a pessoas por sua aparência, preguiça ou falta de inteligência (Figura 26).

Figura 26 – Repertório de múmia

Acabei de ir até o quarto, e passando pelo espelho, percebi q estou igual o Tutankámon. Blusa, toca, calça arrastando o edredon pelo apto.

Fonte: Twitter

26. **Orientalismo:** Representações estereotipadas do Egito (Figura 27).

Figura 27 – Repertório de esfinge e pirâmide

gente eu sempre achei que o Egito era tipo um deserto gigante, com as esfinge, pirâmides e um monte de cabana com comerciantes muçulmanos

Fonte: Twitter



27. **Pessoas como divindades:** Comparação de pessoas a divindades egípcias (Figura 28).

Figura 28 – Repertório de Anúbis

Sou um deus egípcio, Anúbis

Fonte: Twitter

28. **Potência, poder, grandeza e riqueza:** Admiração pelo poderio militar, político e econômico do Egito Antigo (Figura 29).

Figura 29 – Repertório de Egito Antigo e faraó



Fonte: Twitter



29. **Racialidade:** Discussões sobre a identidade africana e negra do Egito (Figura 30).

Figura 30 – Repertório de Cleópatra

cientistas descobriram que Cleópatra, antiga rainha do Egito (África) era "descendente de africanos"! Sou só eu a achar isto... óbvio?!?!

Fonte: Twitter

30. **Reencarnação, Misticismo e Maldição:** Crenças em misticismo e identificação pessoal (Figura 31).

Figura 31 – Repertório de Faraó

Eu sofro da Maldição do Faraó Imhotep e não pude comparecer ao recinto de trabalho hoje...mais meu Dia será abonado, pra isso que fui sexta.

Fonte: Twitter

31. **Religião, mitologia e proteção:** Discussões sobre a mitologia e a busca por proteção divina nas crenças egípcias (Figura 32).

Figura 32 – Repertório de Egito Antigo

Devia ser muito mais legal cultuar vários deuses como no Egito antigo e na Grécia antiga. O paganismo era mais bonito.

Fonte: Twitter

32. **Sexualidade:** Uso do Egito Antigo como referência para discutir ou fantasiar sobre a sexualidade moderna (Figura 33).

Figura 33 – Repertório de Anúbis

gente Anubis é o q se pode chamar de deus gostoso pq né

Fonte: Twitter

33. **Trapaça e dissimulação:** Referência a expressões como "fazer a egípcia" ou "esquema de pirâmide" (Figura 34).

Figura 34 – Repertório de Nefertiti

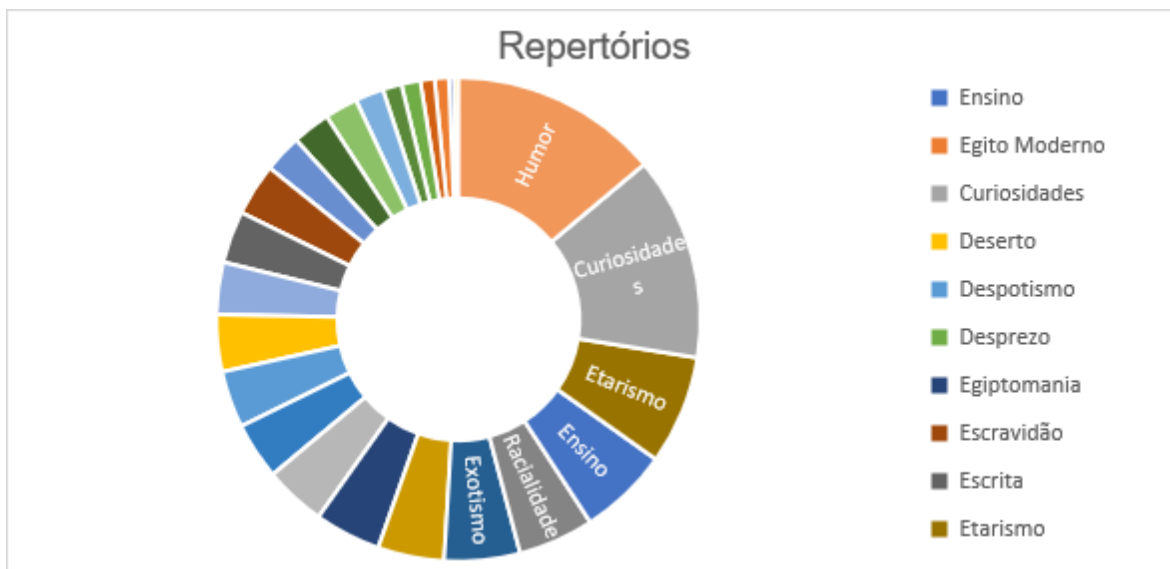
"Quando eu estiver ouvindo uma bobagem, dou uma de nefertiti, assim, de lado, olhando pra nada" hahahaha

Fonte: Twitter

Os gráficos a seguir (Figuras 35 e 36) sintetizam as descobertas iniciais sobre a natureza da *allelopoiesis* na cultura digital.

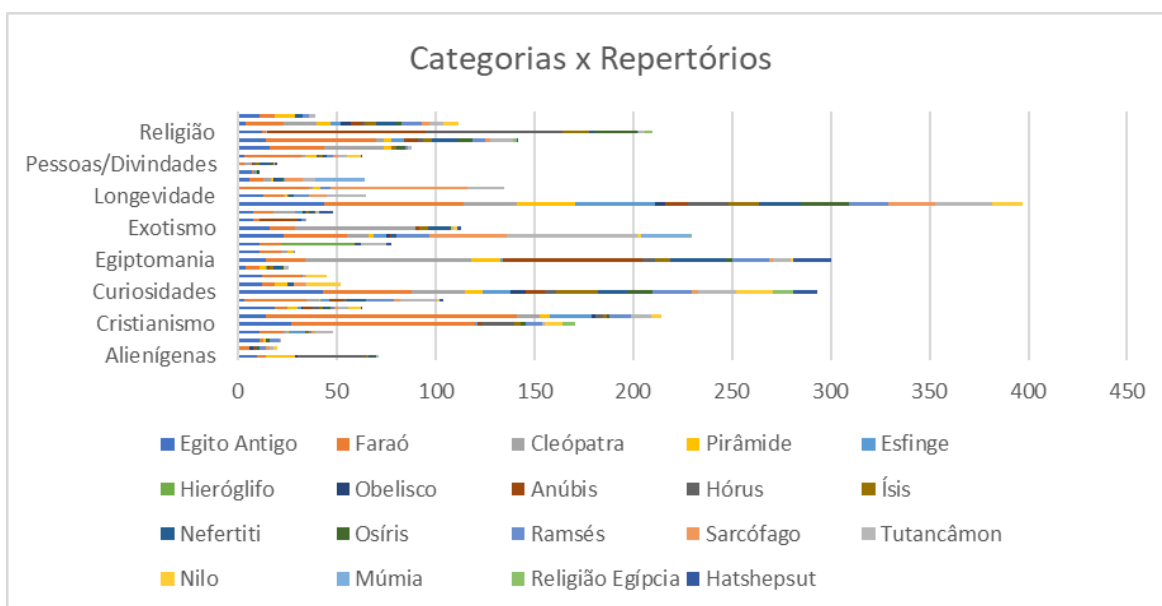


Figura 35 – Repertórios



Fonte: Elaborado pelos autores.

Figura 36 – Categorias x repertórios



Fonte: Elaborado pelos autores.



A observação da proporção dos Repertórios (gráfico de rosca) revela que a Egiptomania, no contexto digital, é dominada por repertórios de baixa densidade crítica, confirmando a hipótese da superficialidade na recepção do passado. Os três repertórios mais incidentes na amostra de 2.300 evidências são:

1. **Humor e crítica:** A alta incidência do humor prova que a principal função do passado no ambiente digital é o entretenimento e a sátira. Isso sublinha que a memória histórica é mobilizada principalmente como recurso de crítica social e alívio cômico, e não como fonte de erudição formal.
2. **Curiosidades históricas:** A frequência elevada de compartilhamento de fatos pouco conhecidos demonstra que o Egito é uma fonte constante de fascínio informativo, mas frequentemente desconectada de contextos históricos amplos.
3. **Etarismo:** O uso da comparação entre pessoas mais velhas e múmias demonstra como o passado serve como mero significante de decadência e velhice, um achado que aponta para a persistência do preconceito embutido na apropriação digital.

O gráfico de distribuição (Categorias x Repertórios) oferece um olhar mais complexo sobre a multiplicidade dos usos e a dinâmica da *allelopoiesis* (criação recíproca). A figura de Cleópatra se destaca por não se limitar a repertórios de Exotismo e Beleza, mas por ter forte incidência nas categorias de Racialidade e Gênero, provando que ela funciona como um vetor de disputa social contemporânea sobre identidade e poder. Em contraste, a categoria Morte (ligada à *Anúbismania*) revela uma conexão forte com o repertório de Longevidade e Antiguidade, onde o deus da morte é associado à ideia de eternidade, e não apenas de fim, sugerindo uma apropriação que transcende o medo e toca a necessidade humana de persistência no tempo.

Para além dos números, a relevância desta pesquisa é que ela atinge diretamente as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), legitimando a análise das fontes digitais para o ensino de História Antiga. A percepção de que "a Antiguidade [ou o Egito] está em todo lugar" – trazida por discussões informais – comprova a validade da fonte digital como ponto de partida para o trabalho em sala de aula.

Ao adentrarmos o campo do Ensino de História, é imperativo questionar o papel do livro didático. Este artefato é um ideal-típico designador “apresenta o conhecimento”. A sua relevância é inegável, pois, o conhecimento histórico que os indivíduos terão ao longo da vida é, em grande parte, formado pelo que aprendem na escola e nos livros durante a infância e adolescência, e dificilmente será revisitado posteriormente.

No entanto, a análise do conteúdo sobre o Egito Antigo nos livros didáticos revela a persistência de certas abordagens que merecem problematização. Observamos a recorrência de "palavras-chave" e conceitos que, embora presentes no cânone, muitas vezes reproduzem um olhar eurocêntrico e orientalista.

Essa conformidade do livro didático contrasta com as múltiplas "vozes" e a dinamicidade da história que encontramos no ambiente digital. Para explorar essa lacuna, realizamos uma etapa exploratória junto a alunos da disciplina de História do Mediterrâneo Antigo. Por meio de *word clouds* no "Mentimeter", buscamos identificar a "consciência histórica" espontânea desses estudantes sobre a civilização egípcia.

Percebemos, inicialmente, que as nuvens de palavras produzidas pelos alunos muito se assemelhavam aos mapas mentais para vestibular disponíveis na internet. Esse diagnóstico nos levou a inferir que parte significativa das "consciências históricas" dos estudantes ainda está calcada na aprendizagem formal.

Os livros didáticos, ao abordarem as sociedades orientais, frequentemente reproduzem um olhar eurocêntrico e superficial, focando nos aspectos positivos e ignorando as crises e complexidades históricas.

Essa abordagem contribui para a reificação orientalista e a construção de uma "consciência histórica" eurocêntrica. E mais, os livros didáticos, muitas vezes, não promovem uma análise crítica e contextualizada da história egípcia, incentivando a reprodução de estereótipos e hierarquias entre “ocidente e oriente”.

Nesse cenário, identificamos que a "história oriental" nos livros didáticos tende a ser associada a repertórios como: crítica a governantes despóticos, decadência civilizacional, decadência da masculinidade, decadência racial, autoritarismo, feminilidade impura, comunismo e sexualidade livre. Por outro lado, a "história ocidental" é frequentemente conectada a: elogio a governantes, ápice civilizacional, hipermasculinidade, florescimento racial, democracia, aprimoramento da feminilidade, anticomunismo, sexualidade pura, nostalgia e religião.

Assim, voltamo-nos para o Twitter, pesquisando as principais palavras-chave identificadas na fala dos alunos. Surpreendentemente, encontramos repertórios que desafiam a dicotomia ocidente/oriente frequentemente imposta pelos livros didáticos. Observamos, por exemplo, dois repertórios muito importantes para fecharmos essa fala: i. racialidade, onde a identidade africana e negra do Egito é defendida, com referências à cultura afro-brasileira e à luta contra o racismo; e ii. feminismo e gênero, com Rainhas poderosas e faraós masculinos inspiram debates sobre gênero, com discussões sobre feminismo, igualdade e relações homossexuais no Egito antigo.

No Twitter, a identidade negra do Egito é defendida com referências à cultura afro-brasileira e à luta contra o racismo. Isso se manifesta em discussões sobre a etnia dos antigos egípcios, como a pergunta "me perguntando quando é que vão parar de representar o povo do Egito antigo como caucasianos", ou a afirmação contundente "cientistas descobriram que Cleópatra, antiga rainha do Egito (África) era 'descendente de africanos'! Sou só eu a achar isto... óbvio?!?!". Tweets como "Confesso que é a primeira vez que vejo os egípcios sendo representados como negros" demonstram a busca ativa por representações que dialoguem com a negritude do Egito. Essa presença de um "florescimento racial" no debate digital é um contraponto direto à "decadência racial" atribuída à história oriental em abordagens eurocêntricas.

As rainhas poderosas inspiram debates sobre gênero, com discussões sobre feminismo, igualdade e até supostas relações homossexuais no Egito antigo. A figura de Cleópatra, é frequentemente celebrada como um ícone feminino, com comentários como "Tantos homens reinaram no Egito, mas o grande mito é uma mulher. Salve Cleópatra...". Além disso, a relevância de Hatshepsut, que "desafia normas de gênero", é notada em observações como "nome de faraó. Uma mulher que foi faraó!". Essa apropriação do passado egípcio para discutir feminismo e empoderamento feminino difere significativamente do "aprimoramento da feminilidade" eurocêntrico.

A diversidade desses repertórios da Egiptomania no Twitter, observada em nossa pesquisa, revela um campo fértil para a compreensão de como se manifesta a "consciência histórica" dos usuários. Longe de ser uma recepção passiva do passado, essa interação dinâmica com a cultura egípcia no ambiente digital nos permite dialogar com os quatro tipos de consciência histórica propostos por Jörn Rüsen (2001). Essa análise nos ajuda a entender não apenas o que os usuários sabem sobre o Egito Antigo, mas como eles se relacionam com esse passado distante, o interpretam e o utilizam para dar sentido ao seu presente e projetar futuros.

Assim, nos exemplos podemos identificar traços de:

- **Consciência Histórica Tradicional:** Quando o passado é evocado para preservar costumes e valores, buscando manter a continuidade e a identidade. Isso é visível na comunidade negra no Brasil que se apropria de figuras egípcias para celebrar suas raízes africanas, como demonstrado na performance do Olodum, que traz o Egito para a Bahia.
- **Consciência Histórica Exemplar:** Evidencia-se quando o passado serve como fonte de modelos e exemplos a serem seguidos no presente. Isso ocorre, por exemplo, na busca por figuras como Faraós negros ou rainhas poderosas, como Cleópatra, que inspiram debates sobre liderança e empoderamento feminino.
- **Consciência Histórica Crítica:** Manifesta-se na capacidade de questionar e analisar criticamente as representações do passado, buscando romper com tradições

e construir um futuro diferente. É o caso das discussões no *Twitter* que problematizam a representação "branca" do Egito Antigo em mídias populares e a defendem sua identidade africana.

- **Consciência Histórica Genética:** Reflete-se na compreensão do passado como um processo de desenvolvimento e mudança, buscando entender as origens e as transformações ao longo do tempo. Esse tipo de consciência se expressa ao rastrear as raízes da cultura negra na história egípcia ou ao analisar a evolução das narrativas sobre o Egito através das gerações.

Em síntese, a análise desses 33 repertórios da Egiptomania no *Twitter* demonstra que, enquanto algumas apropriações reforçam visões eurocêntricas e orientalistas, muitas outras se desviam, revelando um Egito Antigo que é ativamente remoldado para dialogar com as preocupações, identidades e dinâmicas da cultura digital, oferecendo possibilidades para uma nova didática da História.

5.2. Estudo de caso da Anúbismania

O detalhamento do estudo de caso da Anúbismania, conduzido pelo bolsista Fernando Antônio Nani Carvalho Júnior, constitui o segundo grande avanço desta pesquisa. O foco na apropriação da divindade Anúbis – uma das categorias de busca com maior frequência de postagens (Seção 5.1) – permitiu uma validação prática do conceito de Egiptomania de Margaret Bakos, ao analisar como novos significados são atribuídos ao deus egípcio na cultura digital.

A fase de mineração de dados exigiu o desenvolvimento de um rigoroso protocolo de catalogação para organizar o grande volume de evidências. O bolsista destacou que a superação dos desafios logísticos, como a construção do banco de dados e o manejo da alta incidência de posts, proporcionou o desenvolvimento de habilidades essenciais, como a

capacidade de organização e a melhoria da leitura e interpretação de textos em diversas línguas. A pesquisa foi solidificada por uma revisão bibliográfica extensa que incluiu obras essenciais sobre a Egiptomania (Bakos), mitologia e iconografia egípcia (Antonio Brancaglioni Júnior, Christian Traunecker) e sobre Humanidades Digitais (Roy Rosenzweig, Daniel Miller). Essa base teórica permitiu ao pesquisador obter "visões diferentes acerca desta divindade" e reforçou a utilidade das fontes digitais para o desenvolvimento de estudos historiográficos.

O principal avanço reside na preparação para a análise da conexão de Anúbis com o conceito de "existencialismo vulgar", sugerido pelo Doutor Diego Rodstein Rodrigues. O estudo aponta que a Anúbismania transcende o misticismo, pois Anúbis é ressignificado como um veículo para expressar angústias e reflexões existenciais cotidianas – algo que se manifesta nos repertórios Morte, Eternidade e Isolamento, e Longevidade e Antiguidade. Dessa forma, o deus dos mortos se torna um vetor de discussão sobre a persistência no tempo e a busca por sentido (Figura 37).

Figura 37 – Repertório de Anúbis

Nmr vo tatuar uma imagem do deus da morte no braço , anubis

Fonte: Twitter

O *tweet* acima confirma a conclusão de que a estética da tatuagem de um deus dos mortos é um forte vetor de apropriação digital (repertório Misticismo e proteção), provando que Anúbis, o deus chacal, é ressignificado como um símbolo pessoal e permanente de poder e persistência no tempo.

5.3. Estudo de caso da Cleopatramania

O estudo de caso da Cleopatramania, desenvolvido pela bolsista Melissa Cristine Lopes Ribeiro, representa o terceiro eixo de resultados desta pesquisa, investigando como Cleópatra é ressignificada na cultura digital. A figura da rainha, uma das categorias de busca que demandou atenção do projeto (Seção 5.1), é analisada na sua relação com temas contemporâneos como identidade, gênero e racialidade, confirmando o potencial da *allellopoiesis* como campo de disputa social.

O relatório inicial demonstra que Cleópatra não se restringe a uma única apropriação, mas é um vetor que condensa múltiplos repertórios que coexistem e competem no ambiente do Twitter. A análise confirmou que os discursos sobre a rainha estão fortemente conectados a questões atuais, como:

- **A soberana política:** Representação clássica da líder poderosa;
- **Gênero:** O uso da figura para debater feminismo e igualdade;
- **Racialidade:** A centralidade da disputa sobre sua identidade africana/negra, um achado que o relatório considera "muito mais sobre o imaginário a respeito dela que molda problemas da contemporaneidade" do que uma reinterpretação formal do passado (Figura 38).

Figura 38 – Repertório de Cleópatra

cientistas descobriram que Cleópatra, antiga rainha do Egito (África) era "descendente de africanos"! Sou só eu a achar isto... óbvio?!?!

Fonte: Twitter

Essas observações iniciais e o exemplo confirmam que Cleópatra é uma figura em constante ressignificação, na qual os repertórios de Soberana, Sedutora, Intelectual e Disputa Racial se manifestam e se confrontam. O Twitter, ao condensar esses discursos em trechos curtos, demonstra ser um espaço privilegiado para observar a persistência da *Cleopatramania* e sua adaptação às narrativas do século XXI.

5.4. Extensão e Divulgação Científica

O projeto de Extensão, conduzido pelo bolsista Hebert Elias Oliveira, demonstra a eficácia do modelo de Pesquisa-Ação do LEPHAMA na transposição do conhecimento acadêmico. A estratégia central da Extensão reside na utilização de humor e memes como uma metodologia ativa de Divulgação Científica.

Figura 39 – Imagem do Instagram do LEPHAMA

Atividade realizada com 6º ano "A" da manhã,
professora Carmélia, disciplina de História, conteúdo
Antigo Egito - mumificação.



Fonte: Instagram



Esta abordagem, comprovada pela alta frequência de 1.909 posts no perfil do Instagram (@lephama.uemg), permite que o Laboratório supere barreiras geográficas e de nicho acadêmico, transformando a Antiguidade em conteúdo viralizável. Os dados revelam que o humor se alinha ao público-alvo, concentrado nas faixas etárias de 18-24 anos e 25-34 anos. O sucesso dessa metodologia é evidenciado por métricas de alto engajamento, como as 1,8 mil interações e 40,5 mil visualizações.

Assim, o humor atua como um catalisador para as atividades formais: ele garante o engajamento do público e o direciona para outras atividades. As ações, como o [Ciclo de Estudos](#), são realizadas em formato de lives no Youtube e têm como foco a formação continuada de professores da rede básica, fornecendo-lhes materiais e exemplos práticos de como trabalhar a Antiguidade através da análise de memes.

O evento "Do fascínio ao ensino: caminhos para trabalhar a Egiptomania na sala de aula", com a participação da Profa. Dra. Maria Thereza David João (UNESPAR), demonstra o alinhamento do projeto com a didática da História e a formação. Possui financiamento FAPEMIG e apoio PAEx-UEMG (Figura 40).

Figura 40 – Evento de formação continuada para professores



Fonte: Youtube.

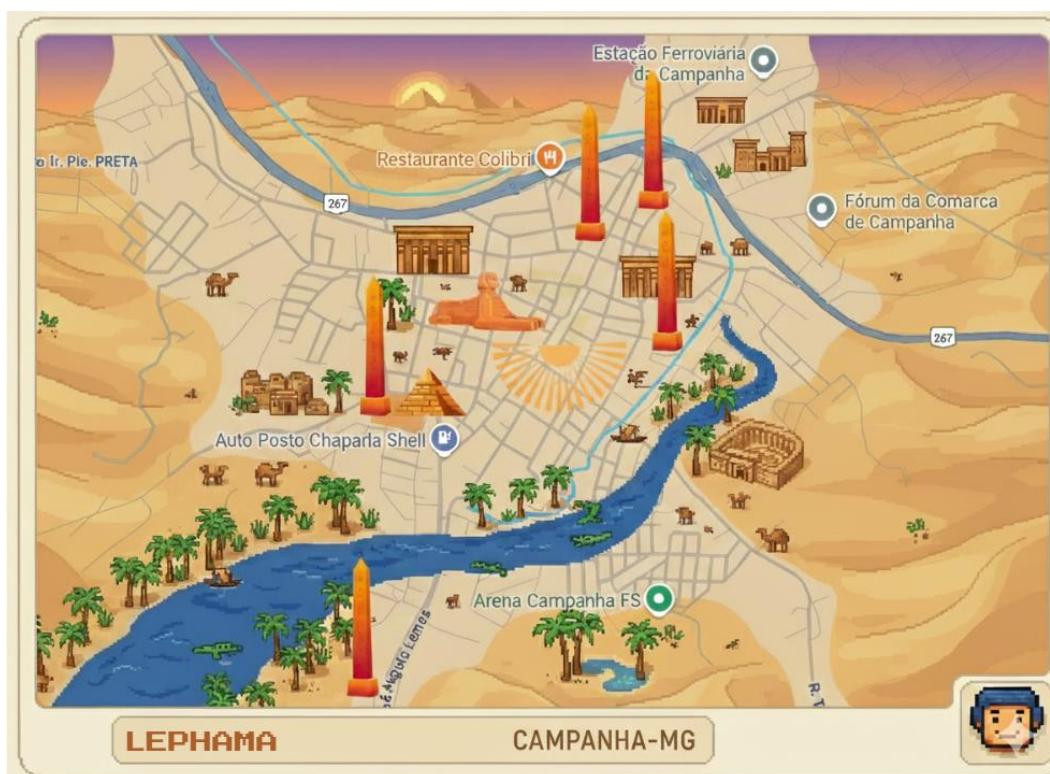


A eficácia do formato digital é comprovada pelas métricas do canal [LEPHAMATV](#). No último evento, o canal acumulou 100 visualizações e 13,5 horas de tempo de exibição. Foram angariados +5 novos inscritos, indicando que o conteúdo atrai continuamente novos públicos para o debate acadêmico.

5.5. Impacto comunitário

O produto didático central da Extensão é o conto de fadas infantojuvenil "O Faraó em Campanha", cujo roteiro é resultado direto da pesquisa-ação e das leituras sobre cosmologia e iconografia egípcia (Figura 41).

Figura 41 – Mapa do Egito em Campanha-MG



Fonte: Gerado por IA (Gemini 2.5).



O conto começa no Duat, o mundo dos mortos egípcio, quando Tutancâmon se prepara para a pesagem de seu coração (*Ib*). Anúbis, o deus chacal e guia das almas, está à frente do julgamento. Ao pesar o coração do jovem faraó, Anúbis percebe que ele está pesado não por falhas, mas pela responsabilidade de um reinado inacabado e o temor de ter seu Nome (*Ren*) apagado para sempre (a "segunda morte"). Decidindo que o faraó merece uma chance de restaurar a Ordem (*Maat*) em seu legado, Anúbis o rapta e o transporta para um lugar onde a memória egípcia persiste: Campanha-MG, no século XXI.

Tutancâmon desperta na "Ponte das Almas" (a antiga ponte de pedras sobre o Rio Santo Antônio). Desorientado, ele se depara com um Íbis-preto que, magicamente, se revela ser o próprio deus Thoth, a divindade da sabedoria e da escrita. Toth acalma o faraó e explica a situação: para que Tutancâmon recupere totalmente sua memória e possa voltar ao Egito, ele deve "ler o mundo" e desvendar por que os símbolos de sua cultura foram apropriados e distorcidos em Campanha.

O primeiro local de Toth é o Obelisco Bicentenário na Praça Dr. Jeferson, que hoje protege o prédio da UEMG. Toth explica que os obeliscos eram "agulhas de sol" divinas, mas ali, eles guardam a memória cívica e o conhecimento (a UEMG). Sua missão é reverter a apropriação inadequada dos símbolos.

Toth apresenta dois personagens: Fernando e Nayara, que são as formas humanas de Anúbis e Bastet. Anúbis, o cachorro, explica que o salvou para que ele cumprisse a missão de "restaurar a ordem" na memória da cidade. Bastet, a gatinha preta, representa a alma (*Ba*) do faraó e sua proteção.

Anúbis e Bastet levam Tutancâmon à Praça D. Ferrão, onde se deparam com três egiptólogos que ressuscitaram para ajudá-lo: Antonio Brancaglioni Junior (arte e arquitetura), Ciro Flamarion Cardoso (hieróglifos e astúcia) e Margaret Marchiori Bakos (egiptomania no Brasil).



- Bakos explica COMO a "mania" egípcia trouxe a Campanha os monumentos.
- Brancaglioni Jr. sugere consultar as Esfinges do Museu Regional, pois elas guardam segredos.

No Museu Regional do Sul de Minas Gerais, a esfinge, que antes guardava templos, agora guarda o prédio. Tutancâmon, guiado por Bakos e Brancaglioni, confronta a esfinge. O enigma proposto é: "Eu guardei o as pirâmides. Por que estou guardando livros?" O Prof. Ciro, o mais astuto, decifra a charada: Os livros são o novo tesouro de Campanha, o conhecimento, e a esfinge evoluiu para proteger a sabedoria, mostrando que os monumentos ganharam um novo sentido.

Para entender por que Campanha é cristã, mas ainda cheia de seus símbolos, Tutancâmon, Anúbis e Bastet vão à Igreja Santo Antônio. Lá, ele encontra o Olho de Hórus (o filho que restabeleceu a ordem). Hórus mostra a ele os discos solares da igreja, explicando que o culto ao deus Aton (instituído pelo pai do faraó, Akhenaton) não se perdeu, mas se transformou e integrou ao culto cristão.

Na casa ao lado da Catedral, ele encontra sua mãe, Nefertiti, que o abraça e lhe dá a missão final: encontrar Ísis, pois ela detém a chave da Ressurreição. Anúbis leva o faraó ao "mundo dos mortos" de Campanha, o Obelisco Escuro na Praça Zoroastro de Oliveira. Lá ele encontra Osíris, o deus da ressurreição e do Nilo.

- Osíris explica que a Ressurreição Cíclica (a cheia do Nilo) se reflete no Rio Santo Antônio, mas que em Campanha, a vida não depende mais do deus-rio, e sim do contexto em que a cidade está inserida. A ressurreição de Tutancâmon depende de entender essa diferença.
- Anúbis o leva ao Obelisco em homenagem ao Maestro Marcello Pompeu. Tutancâmon tem seu momento de "A-ha!": os obeliscos de Campanha não são para o culto ao sol, mas para o culto cívico, para que os vivos pronunciem o nome dos importantes e preservem sua memória social, evitando a "segunda morte".

Tutancâmon encontra Ísis na Igreja do Rosário, onde ela explica sua associação materna com Nossa Senhora do Rosário. Ísis lhe ensina um feitiço para a passagem final, mas ele precisa ir ao Cemitério Municipal para usá-lo. No cemitério, ele encontra o último obelisco e a Pirâmide/Velário. Ele começa o feitiço, mas olha para Anúbis e Bastet e entende sua verdadeira missão: a Ordem (*Maat*) dele não é voltar ao passado, mas restaurar o conhecimento em Campanha. Ele interrompe o feitiço.

O Faraó decide ficar e volta para a UEMG, mas os professores se foram deixando apenas seus livros. Tutancâmon estuda os livros e se torna Professor de História Antiga na UEMG, garantindo que a história do Egito e os monumentos de Campanha nunca mais sejam esquecidos, cumprindo, assim, sua missão de restaurar a Memória e a Ordem.

A produção do conto fomentou a Extensão Comunitária através de oficinas de arte egípcia ministradas pelo aluno/colaborador José Maria da Cruz Júnior. As oficinas, como "A África e seus Deuses: Oficina de Arte Egípcia para Crianças", ocorreram em eventos como a 9ª FLAVIR e a FLIC - Feira do Livro Campanha/MG (Figura 42).



Figura 42 – Oficina na FLIC



FLIC
FEIRA DO LIVRO
CAMPANHA/MG
23ª EDIÇÃO

15/08

10:00

SEXTA

GINÁSIO CANÁRIO

**A ÁFRICA E SEUS DEUSES:
UMA OFICINA DE ARTE EGÍPCIA PARA CRIANÇAS**
JOSÉ MARIA DA CRUZ JÚNIOR

Realização: **GINÁSIO CANÁRIO**

14.15.16
AGOSTO

Apoio:


SEBO CULTURAL
CAMPANHA - MG


PREFEITURA DA
CAMPANHA
Minha cidade, meus compromissos. Trabalho que faz a diferença.

Fonte: Equipe organizadora da FLIC.

O projeto culminou na parceria de **cocriação artística** com o José Maria, aluno de pedagogia a professor de oficinas de pintura e saúde mental no **CAPS** (Centro de Atenção Psicossocial). Os desenhos dos alunos feitos nas oficinas e do próprio professor serão escolhidos para ilustrar o conto, integrando a comunidade ao processo de produção cultural e divulgação patrimonial (Figura 43).

Figura 43 – Desenho produzido na FLIC



Fonte: Acervo pessoal.

Para preparar o lançamento do Conto, foi implementado o programa Cine LEPHAMA, sob a responsabilidade da bolsista Valéria de Oliveira Paiva. O programa visa o letramento midiático dos alunos da rede pública, utilizando filmes como *O Príncipe do Egito* (Outubro), *Deuses do Egito* (Novembro) e *A Múmia* (Dezembro). Esta ação garante que a Taxonomia de Repertórios do LEPHAMA seja utilizada na escola para desconstruir os estereótipos cinematográficos.



Figura 44 – Lembrancinhas do Cine LEPHAMA



Fonte: Acervo pessoal.

A figura 44 ilustra que planejamento da ação pedagógica foi detalhado, incluindo o cuidado com a experiência dos participantes: a bolsista se preparou com a aquisição de pipoca, guaraná e lembrancinhas, demonstrando um planejamento que integra a logística à pedagogia e garante o interesse e o conforto do público-alvo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relatório demonstra a execução integral e a relevância social e acadêmica do projeto, que estabeleceu um modelo inovador de pesquisa na área de Antiguidades Digitais, com foco na Egiptomania e na História Pública. Os resultados obtidos confirmam a hipótese central do trabalho: a mobilização de repertórios do Egito Antigo na cultura digital (Twitter/X) e no espaço urbano (Campanha-MG) é um indicador da Consciência Histórica contemporânea de jovens e adultos.

O projeto consolidou a metodologia de Pesquisa-Ação e Humanidades Digitais, realizando a coleta e análise de *posts* no Twitter, e estabelecendo um banco de dados para futuras investigações. Esta abordagem permitiu não apenas diagnosticar a *Anúbismania* e a *Cleopatramania*, mas também entender como as figuras históricas e mitológicas são ressignificadas na cultura de massa.

O LEPHAMA se consolidou como um Laboratório de Universidade que superou barreiras geográficas por meio de uma estratégia de Extensão diferenciada. O uso intencional do humor e memes no Instagram (@lephama.uemg) provou ser um fator crítico de sucesso, gerando alto engajamento (2.135 seguidores e 40,5 mil visualizações) e direcionando o público para as atividades formais de Formação Continuada de Professores (Ciclo de Estudos no YouTube).

O trabalho culminou em produtos de impacto social direto. A pesquisa sobre a arquitetura local da Egiptomania foi traduzida no Conto de Fadas "O Faraó em Campanha", que ressignifica os obeliscos e esfinges de Campanha-MG sob uma perspectiva de culto cívico e valorização da memória local. A parceria de co-criação artística com as crianças e as oficinas ministradas pelo colaborador José Maria da Cruz Júnior (ex: A África e seus Deuses na FLIC) garantem a inclusão social e o engajamento comunitário na produção do conhecimento. Em suma, os resultados obtidos atestam a plena articulação entre Pesquisa, Ensino e Extensão, reforçando o papel da UEMG na produção de conhecimento relevante para a Universidade e a comunidade.



REFERÊNCIAS

A MÚMIA. Direção: Karl Freund. Produção: Carl Laemmle Jr. Estados Unidos: Universal Pictures, 1932.

A MÚMIA. Direção: Stephen Sommers. Produção: Sean Daniel, James Jacks. Estados Unidos: Universal Pictures, 1999. 125 min.

ALMEIDA, F. C. de. O Historiador e as Fontes Digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. **Aedos: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS (Online)**, v. 3, p. 9-30, 2011.

AMERICAN GODS. Produção: Bryan Fuller, Michael Green. Estados Unidos: Fremantle Media North America, 2017-2021. 3 temporadas.

ARAÚJO, R. de P. A.; SILVA, I. F. A capacidade dos *trending topics* em pautar o debate: agenda setting do algoritmo. **Cad. Metrop.**, São Paulo, v. 25, n. 58, pp. 1123 –1142, 2023.

AXÉ - CANTO DO POVO DE UM LUGAR. Direção: Chico Kertész. [S.l.]: Kertész Produções, 2016. 107 min.

BAKOS, M. (Org.). **Egiptomania: O Egito no Brasil**. São Paulo: Paris Editorial, 2004.

BAKOS, M. Uma Herança: o Antigo Egito no Brasil. In: BAKOS, M. **Fatos e Mitos do Antigo Egito**. Porto Alegre: Edipucrs, 2009.

BAKOS, M. Visões modernas do mundo antigo: A Egiptomania. In: FUNARI, P. Paulo; SILVA, Glaydson José; MARTINS, Adilton Luis (Org.). **História antiga: contribuições de brasileiros**. Campinas: Annablume, 2008, p. 15-35.

BAKOS, M; FUNARI, R. dos S. O Egito antigo no Brasil: Egiptologia e Egiptomania. In: CHEVITARESE, A.; CORNELLI, G.; SILVA, M. A. de O. (Orgs.). **A Tradição Clássica e o Brasil**. Brasília: Fortium Editora, 2008, v., p. 129-138.

BAKOS, M. A Egiptomania a serviço da Egiptologia no Brasil. **Revista Uniandrade**, v. 1, p. 77-87, 2005.

BAKOS, M. Corpo e Egiptomania. **Phoenix (UFRJ)**, v. 9, p. 210-226, 2003.

BAKOS, M. El antiguo Egipto en Brasil: História de la Egiptologia en Brasil. **ArqueoWeb Revista Eletrônica**, Espanha, v. 5, n. 3, 2004.



BAKOS, M. Hieróglifos: Imagens, Sons e Egiptomania. **Phoinix (UFRJ)**, v. 13, p. 178-202, 2008.

BAKOS, M. et al. História da Egiptomania no Brasil: Bibliografia Comentada. **Plêthos**, n. 2, v. 1, p. 218-246, 2012.

BAKOS, M. M. Laços Imperiais do Egito antigo com o Brasil. **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v. XXIX, nº 1, p. 137-150, junho de 2003.

BAKOS, M. D. Pedro II no Egito: o diário de viagem do imperador. **Nossa História**, Porto Alegre, v. 15, 2005.

BAKOS, M. O Egito Antigo: na fronteira entre a ciência e a imaginação. **Fronteiras da Etnicidade no Mundo Antigo. Anais do V Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos**. Pelotas, 2003.

BRAGA, J. Egiptomania: moda ou estilo de vida?. **L'Officiel Brasil**, São Paulo, 06 mar. 2023. Moda. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/ciencia/nova-serie-sobre-cleopatra-gera-polemica-com-a-cor-da-protagonista>. Acesso em: 12 jul. 2023.

BRANCAGLION JÚNIOR, A. **Manual de Arte e Arqueologia do Egito Antigo I**. Rio de Janeiro: Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, 2003. (Série Monografias).

BRANCAGLION JÚNIOR, A. **Manual de Arte e Arqueologia do Egito Antigo II: Crenças e Práticas Funerárias**. Rio de Janeiro: Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, 2004.

BRASIL. Lei Federal n. 12.527, de 18 de novembro de 2011. Regula o acesso a informações previsto no inciso XXXIII do art. 5º, no inciso II do § 3º do art. 37 e no § 2º do art. 216 da Constituição Federal; altera a Lei n. 8.112, de 11 de dezembro de 1990; revoga a Lei n. 11.111, de 5 de maio de 2005, e dispositivos da Lei n. 8.159, de 8 de janeiro de 1991; e dá outras providências. Brasília, DF, 2011.

BRASIL. Lei nº 12.737, de 30 de novembro de 2012. Dispõe sobre a tipificação criminal de delitos informáticos; altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal; e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 03 dez. 2012.

BRASIL. Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018. **Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD)**. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, n. 157, p. 59, 15 ago. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.



BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 72, p. 46-49, 15 abr. 2020.

CLARINDO, J. Ê. P. **Mundos do trabalho e ensino de história: consciência histórica nas escolas profissionais**. Orientadora: Ana Carla Sabino Fernandes. 2023. 148 f.

Dissertação (Mestrado em História) - Mestrado Profissional em Ensino de História, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.

CLEÓPATRA. Direção: Joseph L. Mankiewicz. Produção: Walter Wanger. Estados Unidos: 20th Century Fox, 1963. 248 min.

ENSEMBLE STUDIOS. **Age of Mythology**. Redmond, WA: Microsoft Game Studios, 2002. 1 jogo digital (PC).

FAVERSANI, F. Tirano, louco e incendiário. **História da Historiografia**, v. 13, p. 375–395, 2020.

FERREIRA, J. DE L. Cultura digital e Formação de Professores: uma análise a partir da perspectiva dos discentes da Licenciatura em Pedagogia. **Educar em Revista**, v. 36, p. e75857, 15 jan. 2021.

FLAMARION CARDOSO, C.; VAINFAS, R. **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

FRIZZO, F.; LEITE, P. G.; SILVA, U. G. da. A Antiguidade na Cultura Histórica brasileira: experiências escolares e públicas. **Revista História Hoje**, v. 12, p. 5-23, 2023.

GODS OF EGYPT. Direção: Alex Proyas. Produção: Basil Iwanyk, Alex Proyas. Estados Unidos: Summit Entertainment, 2016. 127 min.

HECKO, L. **A egiptomania e os usos do passado**. Campo Grande: Editora Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2016.

HORTA, M. de L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN, 2000.

INDIANA JONES E A ÚLTIMA CRUZADA. Direção: Steven Spielberg. Produção: Robert Watts. Estados Unidos: Paramount Pictures, 1989. 127 min.



MILLER, D. **Como o Mundo Mudou as Mídias Sociais: a Portuguese translation of How the World Changed Social Media**. São Paulo: UCL Press, 2019.

MIREMONT, P. (Org.). **O livro dos mortos do antigo Egito**. São Paulo: Edições Del Prado, 1995.

NETTO, P. P. STF determina suspensão do X, antigo Twitter, em todo o território nacional.

Supremo Tribunal Federal [sítio institucional]. Brasília, 30 ago. 2024. Disponível em:

<https://noticias.stf.jus.br/postsnoticias/stf-determina-suspensao-do-x-antigo-Twitter-em-todo-o-territorio-nacional-2/>. Acesso em: 13 out. 2024.

OFICIAL, O. Brasil, 3 nov. 2022. **Twitter**: @OlodumOficial. Disponível em:

<https://Twitter.com/OlodumOficial/status/1588262095036059649>. Acesso em: 18 out. 2023.

PARRA, J. M. Mania mórbida dos europeus por múmias foi obsessão durante séculos.

National Geographic, 21 dez. 2019. Atualizado em 5 nov. 2020. Disponível em:

<https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2019/12/mania-morbida-dos-europeus-por-mumias-foi-obsessao-durante-seculos>. Acesso em: 13 out. 2024.

PATU, J. O eurocentrismo sobre Egito Antigo nos livros Didáticos. **MYTHOS — Revista de História Antiga e Medieval**, Ano 2, n. 2, p. 72 – 86, 2018.

PICHEL, A. I. F. (Ed.). **How Pharaohs Became Media Stars: Ancient Egypt and Popular Culture**. Oxford: Archaeopress Publishing Ltd, 2023.

ROLLER, D. W. **Cleopatra: A Biography**. Oxford University Press, 2011.

ROSENZWEIG, R. **Clio conectada: O futuro do passado na era digital**. Tradução de Luis Reyes Gil. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2022.

RÜSEN, J. **Razão histórica: Teoria da história – os fundamentos da ciência histórica**.

Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: UNB, 2001.

SAGREDO, R. Miradas afrocentricas em torno da africanização do Egito Antigo. **Faces da História**, v. 4, n. 2, p. 6-27, 3 jan. 2018.

SALVADOR, A. **Cleópatra: como a última rainha do Egito perdeu a guerra, o trono e a vida e se tornou um dos maiores mitos da história**. São Paulo: Contexto, 2011.

SARAIVA, M. **Penduricalhos da memória: usos e abusos dos obeliscos no Brasil (séculos XIX, XX e XXI)**. 2007.



- SCHNAPP, J.; PRESNER, P. **Digital humanities manifesto 2.0**. 2009.
- SCHREIBMAN, S.; SIEMENS, R.; UNSWORTH, J. (org.). **A Companion to digital humanities**. Oxford: Blackwell, 2004.
- SOUZA NETO, J. M. G. Deuses do Egito (2016): uma narrativa fílmica da civilização branca. **Revista Transversos**, p. 21-44, 2019.
- SOUZA NETO, J. M. G. O ensino de História e o infinito banco de imagens: Êxodo, Deuses e Reis (2014). **Outros Tempos (Online)**, v. 16, p. 162-183, 2019.
- SOUZA NETO, J. M. G. Cinema, cinemas, filmes: o cineclube como instrumento de ensino da História Antiga. **Brathair (ONLINE)**, v. 2, p. 232-257, 2024.
- SOUZA NETO, J. M. G.; BELCHIOR, Y. K. **Ensinar História: mídias, novas linguagens e tecnologias**. 1. ed. Rio de Janeiro: Sobre Ontens, 2022.
- SPYER, J. **Mídias sociais no Brasil emergente: como a internet afeta a mobilidade social**. 1. ed. São Paulo: Educ, 2022.
- STARGATE SG-1. Produção: Brad Wright, Jonathan Glassner. Estados Unidos: MGM Television, 1997-2007. 10 temporadas.
- TORRES, B.; URBIM, E. Versões absurdas de fatos históricos ganham força e alarmam especialistas. **O GLOBO**, Brasil, 22 set. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/versoes-absurdas-de-fatos-historicos-ganham-forca-alarmam-especialistas-23091891>. Acesso em: 02 out. 2020.
- TRAUNECKER, C. **Deuses do Egito**. Brasília: Editora UNB, 1995.
- UBISOFT MONTREAL. **Assassin's Creed Origins**. [S.l.]: Ubisoft, 2017.
- VERNUS, P.; YOYOTTE, J. **Escrito para a eternidade: a literatura no Egito faraônico**. Tradução de Marina Appenzeller. Brasília: Editora UNB, 2000.
- VOLPATO, B. Ranking: as redes sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2023, com *insights*, ferramentas e materiais. **Resultados Digitais**. Florianópolis, 16 mar. 2023. Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/> Acesso em: 17 out. 2023.
- WITTFOGEL, K. A. The hydraulic civilizations in THOMAS J, W. L. (org.). **Man's role in changing the face of the Earth**. Chicago: The University of Chicago Press, 1956.